

4

Chegar (conclusão)

A proposta deste estudo foi desde o início a de promover uma leitura de *Navegações* que elucidasse tanto a temática das viagens marítimas expansionistas, presente nos poemas, quanto a relação da autora com tal temática, seu entendimento, seu propósito em abordá-la e, fundamentalmente, sua maneira de trabalhá-la na poesia.

Nesse sentido, percebemos que os próprios depoimentos de Sophia já delimitavam dentro do tema da expansão o ponto que interessa, o *olhar inicial* ou *primeiro*, que a autora coloca como sinônimo de descobrimento e de *Alétheia*. Poemas de outros volumes da autora confirmam tal proximidade de sentidos.

Nas nossas idas e vindas pelos quatro principais caminhos escolhidos para a aproximação dos poemas, percebemos que o trabalho se revelou, aos poucos, um estudo sobre a diluição da história em *Navegações*. Curiosamente, mesmo tendo partido da história, dos fatos e feitos das viagens de expansão, que eram aparentemente o tema do conjunto, mesmo tendo dado enfoque a seu sentido para a cultura de Portugal, foi na medida em que nos aproximamos do olhar de Sophia que foi ficando bem explícita essa diluição, esse apagamento.

O contexto de escrita daqueles poemas, os poucos anos seguintes à Revolução de 1974, último quartel do século XX, é um dos fatores que podem explicar essa proposta de trabalhar com a história em diluição. Era o momento em que diversos autores tomaram a história como matéria prima privilegiada, como instrumento para questionar a realidade, para questionar o ficcional e as fronteiras que os separam. E Portugal, inclusive, é um país em que a história foi ganhando uma amplitude avassaladora, avançando e, algumas vezes, se sobrepondo a outras disciplinas.

Nesse país em que quase tudo se tornou história, e em que a história havia sido utilizada por tanto tempo como propaganda do regime ditatorial, é possível que os próprios processos históricos, naqueles anos após a Revolução, tenham exigido que, naquele momento, fosse articulada de uma nova forma.

Sophia de Mello Breyner Andresen constrói *Navegações* de modo muito condizente com sua obra poética e com seu entendimento acerca da criação

poética; o faz também de maneira condizente com o pluralismo formal e certa indeterminação ontológica que marcaram a literatura de alguns autores portugueses nas últimas décadas do século XX, mesmo tendo a autora defendido sempre sua própria independência. Mesclar certa natureza documental a seus escritos também aponta em *Navegações* um questionamento entre as fronteiras da poesia e da realidade. Mas vale lembrar que, em relação ao volume, esse impulso documental só aparece no que se refere às datas em que foram escritos os poemas e aos depoimentos vários em que o processo de sua criação ficou registrado.

A proposta de Sophia nesse conjunto, entretanto, é principalmente a de instaurar uma ordem da verdade onde a história adquira um verdadeiro sentido. E essa ordem só pode ser instaurada a partir do recorte, da síntese, do essencial na história, daí sua diluição. Assim como em sua nudez o *Kouros* arcaico apresenta-se destituído de individualidade, de especificidades, podendo ser tanto um deus como um mortal, não sendo possível sequer o situar ou atribuir uma condição social, também a história aparece assim, nua, destituída de seus acontecimentos, de seus momentos, de seus agentes. Por ocultarem fatos, feitos e individualidades, os poemas fazem emergir uma *nova verdade histórica*, justamente por negar-se a copiá-la. Se a *verdade a emergir*, em *Navegações*, é declarada como tendo o mesmo sentido de *olhar*, *Alétheia* e *descobrimento*, essa verdade instaurada pelos textos deixa emergir a história como beleza.

Para que essa beleza surja é necessário o olhar capaz de fazer a escolha, de recortar a nudez do objeto e instaurar o símbolo que a faça brilhar. E, quando o olhar de Sophia assume como tema outro olhar, o *olhar primeiro, inicial*, o de maravilhamento perante a multiplicidade do real – olhar este que está registrado também em toda uma literatura sobre a expansão e as viagens –, encontramos uma, extremamente bem construída, metáfora auto-reflexiva.

Ambos os olhares são, por fim, um único olhar, uma ética estética a se praticar em relação ao mundo e à vida, às coisas e ao homem, e emergem naquela pausa do eterno passo único – nunca concluído – do *Kouros*, que poderíamos dizer até, seu eterno gerúndio, uma pausa intemporal entre dois tempos. A nudez das formas mais simples e econômicas e a nudez dos termos recorrentes de *Navegações* fazem emergir o real íntegro e uno, a real beleza do histórico, e apontam para esse próprio *emergir através da escrita*.

Como o olhar da infância sobre o mundo, ou como o olhar do navegador e do viajante, o olhar que escolhe e capta a imanência das coisas descobre nossa própria existência *feliz* e *inteira* – termos da autora –, e faz essa existência deixar-se descobrir pela palavra poética.

A raiz latina de *rota* significa *roda*, como nos lembra Maria A. Seixo, seguindo-a implica, portanto, simultaneamente “impulso frontal e retorno, como o mar, em seu fluxo e refluxo” constantes.⁴⁹⁷ O movimento deste estudo assim fez-nos retornar muitas vezes ao mesmo ponto, ao mesmo assunto, aos mesmos poemas, numa busca de esclarecê-los cada vez mais, em diferentes ângulos, confirmando o que há tempos se pode observar na prática: uma só viagem não faz uma rota, mas sucessivas viagens, que passem pelos mesmos lugares, com novos viajantes, em novos momentos, novos olhares. No instante em que chegamos ao fim desta pesquisa, reconhecemos que “um ponto de chegada é sempre um novo ponto de partida, ou de retorno [...]”.⁴⁹⁸ Em nosso percurso, muitos assuntos tiveram que ser preteridos, ou apenas mencionados em aberto. Deixamos estes agora como indicações para futuros estudos, assim como para os próximos viajantes que queiram percorrer e investigar seus itinerários.

⁴⁹⁷ SEIXO, M. A. *Poéticas da viagem na literatura*, 1998, p. 35.

⁴⁹⁸ *Ibid.*, p. 34.